

A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: O USO DA LIBRAS X A ORALIZAÇÃO DOS SURDOS

Nathália Quintella Suarez Mouteira¹

Discussões referentes à concepção de surdez estão presentes na sociedade há muitos anos, caracterizadas pela disputa teórica sobre possibilidades comunicativas, e sucedidas por modos específicos de se perceber a surdez.

Nas tentativas iniciais de educar o surdo, além da atenção dada à fala, a língua escrita também desempenhava papel fundamental. Os alfabetos digitais eram amplamente utilizados. Falava-se da capacidade do surdo em correlacionar as palavras escritas com os conceitos diretamente, sem necessitar da fala. É justo pensar que houvesse um grande número de surdos sem qualquer atenção especial e que, provavelmente, se vivessem agrupados, poderiam ter desenvolvido algum tipo de linguagem de sinais através da qual interagissem.

A denominada filosofia *oralista*, ou *oralismo*, constitui-se uma concepção metodológica que defende a integração do surdo à sociedade por meio do treino intenso da fala e da leitura labial (oralização) e do treino auditivo. Acredita que o surdo só poderia aprender, desenvolver-se intelectual e linguisticamente, através da língua oral.

O oralismo visa a capacitação da pessoa com surdez para que utilize a língua da comunidade ouvinte na modalidade oral, como única possibilidade linguística, de modo que seja possível o uso da voz e da leitura labial, tanto na vida social, como na escola. Não aceitam a língua de sinais e centram os processos educacionais na visão da reabilitação e naturalização biológica.

Muitos deficientes auditivos, não se consideram deficientes, pois depende muito do tipo e grau da surdez. A grande dificuldade em aceitação desses sujeitos é a dificuldade de se encontrarem na vida pessoal e social, uma vez que o surdo sem identidade surda, sem o conhecimento necessário para ter um bom desenvolvimento se apoia somente na fala. Encontramos muita dificuldade de aceitação também nas famílias que, muitas vezes, obrigam a aprendizagem da língua falada e não aceitam o uso da Língua de sinais, como se a deficiência sumisse quando a pessoa é capaz de falar ou fazer leitura labial.

Esta forma de comunicação entre os surdos e os ouvintes é conhecida no Brasil por meio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e utilizada por indivíduos com surdez profunda impossibilitados da aquisição espontânea da linguagem, e que necessitam de língua gestual e recurso à leitura labial, tanto para se expressar como para compreender os outros.

Ao contrário do que muitos imaginam, as línguas de sinais não são simplesmente mímicas e gestos soltos, utilizados pelos surdos para facilitar a comunicação. São línguas com estruturas gramaticais próprias. Atribui-se às línguas de sinais o status de língua porque elas também são compostas pelos níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático e semântico. O que é denominado de palavra ou item lexical nas

¹ Mestre em Educação e Professora do curso de graduação em Pedagogia do UNIFESO.
E-mail: nath_quin@hotmail.com

línguas oral-auditivas são denominados sinais nas línguas de sinais e o que diferencia as línguas de sinais das demais línguas é a sua modalidade visual-espacial.

No entanto, a situação do surdo continua bastante prejudicada pela baixa demanda de intérpretes de LIBRAS e professores com conhecimento operacional nessa língua, além do escasso domínio da língua de sinais por parte dos alunos ouvintes, fatos que prejudicam o acesso do aluno surdo aos conteúdos acadêmicos e as suas possibilidades de interação social nesse meio e, conseqüentemente, de seu desenvolvimento.

Tendo em vista que na cidade de Teresópolis a comunidade surda é bem expressiva, o UNIFESO vem contribuir com a formação de intérpretes nos cursos oferecidos pela Instituição e também em cursos de extensão para atender a comunidade externa, a fim de tentar minimizar os problemas comunicacionais desta comunidade com os serviços públicos como o atendimento na saúde, na educação e em outros espaços de convivência onde circulam os surdos.